



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

SOFIA ROITBURD FEITOSA

**O PODER DO MÉLANGE:
análise geopolítica do livro Duna (1965)**

SÃO PAULO
2024

SOFIA ROITBURD FEITOSA

**O PODER DO MÉLANGE:
análise geopolítica do livro Duna (1965)**

Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar
Felippe Valverde

SÃO PAULO
2024

FEITOSA, Sofia Roitburd. **O Poder do Mélange: análise geopolítica do livro Duna (1965)**
2024. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2024.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.	_____
Instituição:	_____
Julgamento:	_____
Assinatura:	_____
Prof. Dr.	_____
Instituição:	_____
Julgamento:	_____
Assinatura:	_____
Prof. Dr.	_____
Instituição:	_____
Julgamento:	_____
Assinatura:	_____

AGRADECIMENTOS

Durante minha longa jornada acadêmica na graduação tive o privilégio de conhecer obras, lugares e, principalmente, pessoas que pretendo levar para o resto da minha vida. Sem elas não teria sobrevivido a 6 anos de busca pelo diploma e, se fosse citar cada nome que me foi importante nesses agradecimentos, essas páginas seriam maiores do que o meu trabalho em si. Dito isso, algumas menções se fazem extremamente necessárias.

Gostaria primeiramente de agradecer a minha família, pela minha criação, pelas oportunidades que me foram dadas, pelo carinho e zelo, por – mesmo entre altos e baixos – sempre permanecer unida. Mãe, saúdo sua força e dedicação. Pai, seu humor genuíno e grande senso de crítica. Bento, meu querido irmão, seu ímpeto de viver que me inspira tanto a continuar cada vez melhor. Não posso esquecer dos meus gatos, que também fazem parte da família, por seu apoio emocional tão caro para mim.

Agradeço a todas as amigas que fiz tanto dentro da universidade, como em lugares para onde ela me levou. O grupo autointitulado de “Ribeirões”, que comigo compartilharam felicidades e dores sobre provas, trabalhos, campos e que me acompanharam nas melhores viagens que já fiz Brasil afora. Deixo minha gratidão, também, os “Amigos do Nunera” e “Pueri Domers” em geral, que experienciaram junto a mim os desafios de iniciar, como estagiários, na Educação.

Exprimo, principalmente, agradecimentos a Letícia Dutra, minha ex-companheira de apartamento, por ter me aturado horas falando sobre minhas obsessões literárias e incrivelmente ter se divertido com isso. E ao meu amor, João Pedro Dias, que me acompanhou durante a loucura que foi este último ano e fez tudo ficar mais leve, deixo meu mais sincero obrigada por tudo.

Por fim, congratulo a todos os docentes do departamento de geografia que exercem um trabalho excelente e lutam por uma Geografia-USP melhor. O caminho é tortuoso e árduo. Com vocês, aprendi a resistir, persistir e perseguir meu sonho de trilhar o caminho da profissão docente.

EPÍGRAFE**Trucidaram o Rio**

Prendei o rio
Maltratai o rio
Trucidai o rio
À água não morre
A água que é feita
De gotas inermes
Que um dia serão
Maiores que o rio
Grandes como o oceano
Fortes como os gelos
Os gelos polares
Que tudo arrebentam.

Manuel Bandeira
1935

RESUMO

FEITOSA, Sofia Roitburd. *O Poder do Mélange: análise geopolítica do livro Duna (1965)* 2024. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2024.

Este trabalho de graduação individual busca analisar a obra "Duna" (1965) de Frank Herbert à luz dos conceitos de poder político, territorial e econômico, baseando-se nas definições de geografia política e geopolítica apresentadas por autores como Raffestin e Costa. A pesquisa destaca a importância da espaço-temporalidade e do contexto político na construção do conhecimento geográfico apresentando as principais organizações de poder dentro do universo de "Duna", explorando suas origens, intenções e dinâmicas de poder. Cada uma dessas instituições representa núcleos de poder que exercem influência significativa sobre o Império Interplanetário, destacando as relações de poder interseccionadas entre religião, economia e política, influenciadas pela natureza mítica do mélange, a especiaria central à narrativa, que sustenta a economia e as relações de poder do universo fictício criado por Herbert.

Palavras-chave: Poder; relações de poder; geopolítica; geografia e literatura; ficção científica.

ABSTRACT

FEITOSA, Sofia Roitburd. *The Power of Mélange: Geopolitical Analysis of the Book Dune (1965)*. 2024. Individual Graduation Thesis - Department of Geography, Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences - University of São Paulo (FFLCH-USP), São Paulo, 2024.

This individual undergraduate thesis aims to analyze Frank Herbert's work "Dune" (1965) in the light of political, territorial and economical power concepts, based on the definitions of political geography and geopolitics presented by authors such as Raffestin and Costa. The research highlights the importance of space-time and political context in the construction of geographic knowledge by presenting the main power organizations within the "Dune" universe, exploring their origins, intentions, and power dynamics. Each of these institutions represents centers of power that exert significant influence over the Interplanetary Empire, emphasizing the intersecting power relations between religion, economics, and politics, influenced by the mythical nature of the *mélange*, the central spice of the narrative that sustains the economy and power relations from Herbert's fictional universe.

Keywords: Power; power relations; geopolitics; geography and literature; science fiction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O PODER EM DUNA (1965) E AS DISPUTAS TERRITORIAIS SOBRE ARRAKIS.....	15
1.1. APRESENTAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PODER EM DUNA.....	15
1.2. A MANIPULAÇÃO GENÉTICA E RELIGIOSA DAS BENE GESSERIT.....	19
1.3. O CONTROLE DE TRÁFEGO DA GUILDA ESPACIAL.....	24
2. OS TRUNFOS FREMEN: ações de guerrilha e territorialidade dos nativos de Arrakis.....	27
3. A ECONOMIA DO MÉLANGE: origem, propriedades e a CHOAM	37
3.1. PAUL MUAD'DIB ATREIDES: o papel messiânico do controle sobre recursos.....	41
4. A PAISAGEM DE ARRAKIS: o criador shai-hulud e as implicações de sua existência.....	45
CONCLUSÃO	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

INTRODUÇÃO

Desde que foi fundada em 1897 por Ratzel, a geografia política foi sustentada por uma concepção nomotética determinista na qual o poder era associado diretamente ao Estado a partir do enraizamento no solo de comunidades que exploraram as potencialidades territoriais. A geopolítica é cunhada por R. Kjéllen no início do século XX e é propagada a partir da década de 30, em contexto nazista, sob a direção de Karl Haushofer como instrumento estratégico de dominação territorial de um Estado sobre outro. Há um grande embate quanto à nomenclatura utilizada ao se falar sobre o estudo espacial do poder político que cinge a etimologia dos termos geopolítica e geografia política uma vez que ambos surgem em contextos beligerantes. (COSTA, 2020, p. 19)

A diferença entre os dois termos não é de suma importância caso não se esteja discutindo tal problemática objetivamente, portanto não será feito um aprofundamento nesta questão, basta dizer que a tradição reconhece a geografia política como restrita

“às relações entre o espaço e o Estado [...] enquanto à geopolítica caberia a formulação das teorias e dos projetos de ação voltados às relações de poder entre os Estados e às estratégias de caráter geral para os territórios nacionais e estrangeiros, de modo que estaria mais próxima das ciências políticas aplicadas, sendo assim mais interdisciplinar e utilitarista”. (COSTA, 2020, p. 18)

A partir disso, conceitos geopolíticos serão utilizados neste trabalho por comporem uma estratégia de ação que tem como finalidade mudar o eixo de equilíbrio de poder, perpassando os limites do pensamento geográfico e sendo utilizada por grupos que detém poder com pretensão de domínio territorial.

Não é possível afirmar que o conhecimento geográfico se desenvolveu de forma neutra no percurso dos anos, principalmente quando nos voltamos à sua aplicação como ferramenta de poder e domínio. Além disso, cada autor está diretamente ligado a um território e Estado, produzindo inevitavelmente "uma geografia política marcada por seu contexto político e territorial" (COSTA, 2020, p. 16). A serviço de exemplo, no Brasil a geografia política não se desenvolveu por completo em uma vertente de estudo que classificaria uma “geografia política brasileira”, entretanto, a geopolítica, apesar de ter sido desenvolvida dentro de instituições militares, evoluiu e adaptou-se ao cenário nacional. (COSTA, 2020)

Na geografia humana, o princípio da diferenciação espacial serve como base para a tentativa de uma construção axiomática. Em crítica sobre essa conduta, Raffestin apresenta elementos para uma problemática relacional, sugerindo que "a geografia política, concebida como a geografia das relações de poder, poderia ser fundada sobre os princípios de simetria e

de dissimetria nas relações entre organizações. Só em seguida seria possível construir uma morfologia política" (1993, p. 28). Essa dissimetria da qual o autor fala é obra do poder, pois ela não existiria sem que houvesse a possibilidade de crescimento de um dos lados da relação a partir da vantagem de poderio de um sobre o outro (1993, p. 50).

Teóricos políticos assim como as escolas geográficas de toda Europa seguiram a linha da escola alemã ao discutirem a diferença entre geografia política e geopolítica, entendendo poder e Estado em relação de igualdade. (RAFFESTIN, 1993, p. 16). Ao trazer problemática à tal afirmação o autor atribui significado geográfico a essa equação. Segundo ele, se considerarmos apenas o Estado como ferramenta de poder, só se dispõe de um nível de análise espacial, fazendo uma geografia unidimensional. Admitindo-se que existem múltiplos poderes que se manifestam nas estratégias regionais e locais que não se limitam às fronteiras, tal aproximação unidimensional não é admissível. (1993, p. 17)

Na visão de autores como Lefebvre, o poder - categoria central da geografia política e da geopolítica - tem uma única forma, o poder político. Raffestin escreve que o processo de admitir o Estado como sua forma mais acabada não deve ser excludente ao de caracterizar outras comunidades pelo poder político. Ao adentrar sobre o assunto, ele diz que este

"penetrou toda a sociedade e, se o Estado é triunfante, não deixa de ser um centro de conflitos e de oposições - em resumo, um lugar de relações de poder que, apesar de assimétricas, não deixam de ser presentes e reais. Mas a geografia do Estado apagou esses conflitos, que apesar de tudo continuam a existir em todos os níveis relacionais que postulam uma geografia política multidimensional" (1993, p. 22)

Em outras palavras, o Estado não é a única forma que se pode atribuir ao poder, mesmo que seja a forma mais acabada de poder político. Se a linguagem do Estado tivesse sido utilizada de maneira com que se justificasse o poder político, sua existência seria dividida com outras formas de execução do poder político.

Ao adentrar neste assunto percebe-se que o poder é um termo polissêmico que tende a carregar ambiguidades quando utilizado. Logo, faz-se a distinção entre Poder e poder: o primeiro seria aquele que "se manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que cercam o território, controlam a população e dominam recursos", já o segundo "torna-se mais perene, pois não é visível, é consubstancial com toda as relações" e "é a parte intrínseca da toda relação" (RAFFESTIN, 1993, p. 52).

Raffestin investiga, em "*Por uma Geografia do Poder*", as relações e dinâmicas que se estabelecem sob a presença do poder, explicitando que este está "presente em toda "produção" que se apoia no espaço e no tempo" (1993, p. 7). Nessas relações, o poder não é possuído nem

adquirido é, na verdade, exercido por atores provindos de uma população que habita um território que tem recursos exploráveis.

Dentro desses três eixos, chamados por ele de trunfos, Raffestin desenvolve um ensaio sobre as simetrias e dissimetrias entre as relações de poder. Os trunfos são apresentados em ordem de importância: a população é o que permite a existência do poder, o território é onde as relações de poder se dão e os recursos condicionam o alcance de sua ação (1993, p. 58).

Ainda pensando dentro de tais eixos e aproximando-os do que Costa (2020) escreve a respeito do imperialismo na crescente do poder marítimo e/ou do poder territorial percebe-se que a estrutura geral e a competência de um Estado dependem de todos os trunfos do poder. Com as disputas pelo controle de mercados e territórios, em especial colônias, possibilitando a consolidação de Estados imperialistas, não somente no sentido de conquista territorial, mas uma expansão territorial em escala mundial decorrente de uma fase histórica do capitalismo. Um Estado, por menor que seja em território, pode causar grande desequilíbrio de forças a depender de seus outros trunfos, por exemplo, recursos em demasia.

Lembrando do que se comentou anteriormente, apesar de um Estado ser o último, senão o mais aperfeiçoado, estágio de exercício de poder, existem outras formas de poder presentes em relações que não estão diretamente relacionadas ao Estado, ainda que sob a sombra deste. Veja-se, por exemplo, organizações religiosas, centros de pesquisa e empresas privadas. Todas de alguma forma conseguem jogar o jogo do poder, mesmo que em menor escala que o Estado, por possuírem influência sobre um ou mais trunfos.

Ainda dentro escopo teórico abordado neste trabalho, percebe-se que elementos de narrativas fantásticas, antes majoritariamente presentes em fábulas, contos de fadas, histórias orais e literatura infantil no geral, aparecem com mais frequência em narrativas amadurecidas desde o século XIX, com o avanço da modernidade e da ciência, especialmente em detrimento da Revolução Industrial.

O gênero literário de ficção científica - precedido pela ficção fantástica - explora esses elementos maravilhosos, seres do imaginário, lugares exóticos, acontecimentos impossíveis, que descrevem a vida como não a conhecemos. A relação de oposição entre o Eu e o Outro - outro ser, outro mundo - é comum às fábulas e às ficções científica e fantástica, seu papel sendo a conscientização/advertência sobre o Outro, o desconhecido apresentado, como forma de moral da história podendo ser positiva ou negativa. (OLIVEIRA, 2003)

Diferentemente do que já tinha se visto antes, o gênero literário inaugurado por Mary Shelley em 1818 traz utopias, distopias e heterotopias possibilitadas pelos deslocamentos de fronteiras nos campos da subjetividade, tecnociência e configurações de tempo e espaço. Na

ficção científica, muitas vezes traços de sociedade ou episódios históricos são retratados de maneira velada, protegidos por outra realidade apresentada na narrativa.

A título de exemplo, o monstro apresentado em “*Frankenstein*”, de Mary Shelley, é uma afronta aos “limites do humano tanto em relação à sua constituição biológica quanto em relação à sua capacidade de intervir sobre a criação de vida” (OLIVEIRA, 2003, p.182) Em outras palavras, a ficção científica captura o que é real, ou uma possibilidade dentro da realidade, e extrapola seus limites para obter um ângulo específico sobre como determinado assunto.

Talvez, por esse motivo, a ficção, principalmente a científica, abre espaço para melhor compreensão de conceitos e situações características de certos temas. Ao ampliar a capacidade empática do leitor com elementos narrativos como arcos de personagem, dramatização da trama, problemáticas que o prendem ou, até mesmo, os detalhes descritivos da prosa, amplia-se também a identificação dele com o que está sendo posto na narrativa.

A literatura, em geral, serviu à Geografia como ferramenta de descrição mais detalhada da paisagem, trazendo aspectos mais humanistas à perspectiva que podem acabar sendo ignorados por pesquisadores mais pragmáticos. As obras literárias mais utilizadas por geógrafos em suas pesquisas costumam ser romances e relatos de viagens. A ficção científica ainda é pouco explorada na área, em um artigo publicado por Gary S. Elbow e Tom L. Martinson (1980), uma seleção de obras de ficção científica foi analisada para verificar seu potencial uso na ciência geográfica. Os autores concluem que as obras e os conceitos geográficos apresentados nelas são de pouca utilidade para descobrir “novas geografias”, no entanto, são uma ótima ferramenta para ilustrar e aprofundar a ciência geográfica já existente.

Isto sendo entendido, este trabalho busca analisar as relações de poder presentes em *Duna* (1965) dentro dos conceitos de Raffestin e Costa, relacionando os trunfos de poder a cada agente do poder, não necessariamente do Estado, às dinâmicas e atritos entre cada um em relação ao *mélange* e entre si.

Primeiro livro da série *Duna*, escrita por Frank Herbert, lançado em 1965 e homônimo à série iniciada por ele, apreende uma miríade de características científicas engendradas em sua ambientação, trama e desenvolvimento das personagens. Herbert constrói em *Duna* um universo complexo, rico em culturas, geografias e relações de poder e produção. Para mergulhar de fato nos detalhes viscerais entrelaçados à narrativa e neles encontrar - entre tantos outros conceitos científicos presentes - conceitos geográficos, é necessário construir, como um quebra cabeça, o panorama histórico-social do Imperium, este será desenvolvido nos próximos capítulos.

A obra escolhida não será discutida em sua integridade. O objetivo do trabalho não é explicar a obra e sim, a partir dela, explorar os temas propostos pelo trabalho. Desse modo, serão selecionados alguns excertos a serem analisados.

A obra marca o início de uma sequência de seis livros da saga original. Dentro do universo de *Duna*, mais 15 livros foram publicados por Brian Herbert, filho de Frank Herbert, em colaboração com Kevin Anderson. *Duna* (1965) é considerada um clássico do gênero literário de ficção científica, fonte de inspiração para outros nomes brilhantes da cena como George Lucas, autor do universo de *Star Wars*. Ainda é tida como atual apesar de ter sido publicada há aproximadamente meio século, dedicada "às pessoas cuja labuta ultrapassa as ideias e invade o domínio do "real": aos ecólogos, não importa a época, fica dedicada esta tentativa de profecia, com humildade e admiração" (HERBERT, 2017 p. 2), traz como principal mensagem a necessidade de voltarmos nossa atenção ao ecossistema em que vivemos a partir da crítica do quão longe se chegaria na destruição de um planeta em razão do lucro.

Frank Herbert estudou, durante sua vida inteira, diversos assuntos presentes em seu primeiro romance, ainda que fora do meio acadêmico – não chegou a concluir o Ensino Médio. Trabalhou como redator em revistas científicas pequenas dos Estados Unidos na década de 1950, durante sua pesquisa para um artigo sobre controle de dunas no estado de Oregon (EUA) acabou-se interessando por ecologia e começou a reunir material bibliográfico dessa área, o artigo que direcionava sua pesquisa nunca foi escrito.

Na época, uniu seus estudos mais recentes com seu conhecimento sobre religiões. Em 1969, durante uma entrevista com W. E. McNelly¹, Herbert diz que “a maioria das religiões proeminentes começa em um ambiente desértico”. Inspirado por essa afirmação, o autor começa a projetar ligações entre religião, ideais religiosos e ideais ecológicos, buscando evidenciar a luta entre esses dois ideais. Segundo ele, esse movimento foi o começo de sua idealização para *Duna* (1965), a base para todos os conflitos desenvolvidos em sua narrativa.

Após o sucesso literário de *Duna* (1965), algo que se deu apenas alguns anos depois de seu lançamento, Herbert tornou-se grande referência ambientalista no cenário da ficção científica, chegando a sair desses círculos ocasionalmente para discursar sobre a importância de discutir sobre o futuro do planeta, alertando seus espectadores sobre as graves consequências ambientais que a humanidade enfrentaria em poucos anos se a produção industrial continuasse

¹ Citação verbal: *Frank Herbert on the origins of Dune* (1965)

crescendo a nível frenético. O autor não podia estar mais certo em suas afirmações dadas até sua morte, em 1986.

Ao comparar a situação em que vivemos hoje em dia com o que é descrito no livro selecionado é possível encontrar similaridades além do que seria o desejável, visto que o universo criado por Herbert é hostil a todos que nele (sobre)vivem.

Em 2024, catástrofes climáticas atingiram a população global repetidamente, somente no Brasil foram registrados mais de 186 mil focos de incêndios florestais, compondo 62,9% dos focos de incêndios florestais da América do Sul até o mês de setembro (INPE). Além disso, enchentes causadas pelo excesso de chuvas e má gestão pública no estado do Rio Grande do Sul em abril deste ano afetaram aproximadamente 2.398.255 pessoas, dentre elas 806 feridas, 183 mortas e 27 desaparecidas (GOV/RS). O quadro climático atual é consequência de anos de exploração do meio ambiente por empresas multinacionais, o prematuro crescimento exponencial que contrariou as expectativas estatísticas é devido a ações neoliberais que essas empresas vêm tomando desde a última década do século passado.

As similaridades não aparecem somente no que se diz respeito ao clima, mas também às dinâmicas e relações que se estabelecem entre diferentes hierarquias sociais, ao crescente fanatismo religioso e à crise política que caminha em direção da destruição das estruturas sociais atuantes. A guerra na Ucrânia e o atual genocídio do povo palestino, entre outras calamidades políticas que marcam um período de crise e declínio do modo de produção capitalista, são paralelos claros do jogo do poder expresso em Duna (1965).

1. O PODER EM *DUNA* (1965) E AS DISPUTAS TERRITORIAIS SOBRE ARRAKIS

Num universo onde a tecnologia avançou o suficiente para criar máquinas pensantes, que se rebelaram contra a humanidade, para depois proibi-las e então começar a desenvolver habilidades humanas comparáveis às máquinas que um dia os dominaram, um material em forma de pó cor de laranja cresce em popularidade rapidamente. O *mélange* (figura 1) é o recurso mais importante do Império, o pilar central para de sua estrutura social hierárquica e, claro, o centro de todas as relações de poder.



Figura 1. Especiaria *mélange* entre grãos de areia (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

As organizações de poder em *Duna* (1965) têm interesses diversos, muitos desconhecidos, sobre a política imperial. As tensões, sejam grandes ou pequenas, reverberam consequências pelas teias de relações entre tais organizações.

Neste capítulo se aprofundará quem são os atores do poder dentro da narrativa da obra, suas intensões e como o poder do *mélange* os influencia.

APRESENTAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE PODER EM *DUNA* (1965)

Como será exposto posteriormente, *Duna* (1965) é uma obra que critica, em geral, as ações tomadas por atores em busca do poder e a escala catastrófica que as consequências de seus atos podem atingir, o peso diferencial para a criação de um novo equilíbrio de forças.

Não diferente de outras obras de ficção, *Duna* (1965) é fruto de seu tempo. Desde a disputa entre duas frentes de poder – ainda que muito desiguais, em teoria –, a questão armamentista, as pautas ambientais até a situação econômica do Império.

Para que se entenda a análise a seguir é preciso explicitar as organizações-personagens da narrativa e suas intenções dentro do universo de Herbert. São elas:

Organização	Guilda Espacial
Origem	Durante a Grande Rebelião, uma grande guerra travada entre humanos e máquinas pensantes, ao se verem obrigados a desenvolver a mente humana em níveis nunca vistos ou idealizados anteriormente.
Intenções	Substituir as máquinas pensantes por cérebros humanos. É responsável, por exemplo, pela formação e condicionamento dos Navegadores da Guilda, indivíduos capazes de realizar cálculos matemáticos mentais gigantescos em questão de segundos, trabalhando com estatística e probabilidade para definir rotas possíveis para viagens interplanetárias.
Organização	Sociedade Secreta da Escola Bene Gesserit
Origem	A partir da direção de pessoas que julgavam necessário dar continuidade aos “interesses políticos humanos” pós Grande Rebelião
Intenções	Controle biogenético através de cruzamentos planejados com a finalidade de separar a linhagem humana da linhagem animal, afinal, ao conseguirem expandir suas habilidades mentais, a humanidade passa a conseguir suprimir instintos animais com exercícios e treinamento adequados. Dessa forma, seriam mais evoluídos a tal ponto que humanos de hoje em dia seriam considerados apenas animais.
Organização	Companhia CHOAM (Consórcio Honnetê Ober Advancer Mercantiles)
Origem	Para evitar o desequilíbrio de poder pelo monopólio do mélange
Intenções	Controlada pelo imperador padixá, ela passa a analisar todos os produtos transportados pela Guilda, tendo-a juntamente as Bene Gesserit como sócios comanditários. Muitas Casas Maiores, então, dependem dos lucros da CHOAM para acessar as reservas de mélange da companhia.
Organização	Landsraad
Origem	Conquista interplanetária da humanidade
Intenções	Representar as Grandes Casas e seus interesses sociais, políticos e econômicos
Organização	Império Interplanetário do Universo Conhecido
Origem	Conquista interplanetária da humanidade
Intenções	Exercer hegemonia sobre as Casas Maiores, manter o <i>status quo</i>
Organização	Casa Maior Atreides
Origem	Conquista interplanetária da humanidade

Intenções	Perpetuação da linhagem e manutenção da tradição da casa
Organização	Casa Maior Harkonnen
Origem	Conquista interplanetária da humanidade
Intenções	Perpetuação da linhagem, tornar-se hegemonia dentro dos acionistas da CHOAM, elevar a casa para eventual ascensão ao trono imperial

Dentro deste universo, a representação oficial do Estado é composta pelo Império, o Landsraad e as Grandes Casas. As outras organizações apresentadas exercem tanto poder quanto os citados, ainda que de forma velada. Em destaque na narrativa, a Sociedade Secreta da Escola Bene Gesserit, exerce um tipo de poder vinculado à religião; a Guilda Espacial controla todo o tráfego cósmico e porto-satélites, logo exerce o poder similar ao poder marítimo descrito por Mahan (citado por COSTA, 2020); a CHOAM exerce poder sobre o recurso mais valioso para o império interplanetário: o *mélange* que permite a viagem interplanetária, assim exerce poder econômico sobre todas as outras organizações já citadas. Porém, todos os tipos de poder exercidos dentro do universo de alguma forma ou outra estão engendrados com intenção política.

É importante ressaltar que as intenções das instituições de poder em *Duna* (1965) não são exploradas profundamente, tudo o que temos no primeiro livro é uma breve introdução à sua existência. O resto nos é deixado para completar com nossas imaginações. Basta entender que por trás de toda intenção existe o poder.

O panorama político do Império no início de *Duna* (1965) é de desestabilização do poder do imperador padixá Shaddam IV em virtude da ascensão de popularidade da casa Atreides dentro do Landsraad. Na tentativa de retomar o controle antes que ele se perca totalmente, o imperador conspira com o Barão Vladimir Harkonnen, líder de uma Casa rival aos Atreides, para destruir o Duque Leto Atreides e sua linhagem. Transferindo o título de posse de Arrakis – o único planeta onde é possível minerar a especiaria *mélange* – para o Duque Leto, o Imperador e o Barão sabotam as maquinarias que realizam a extração das pequenas partículas alaranjadas por entre os grãos de areia de Arrakis e mantém as quotas obrigatórias em um nível elevadíssimo com a intenção de levar os Atreides à falência e, consequentemente, a serem rechaçados pelo Landsraad e a CHOAM.

Com essa premissa, o leitor acompanha a jornada de Paul Atreides, o único filho e herdeiro de Duque Leto e da Casa Atreides, a partir de sua fuga para o deserto junto à sua mãe, Lady Jéssica, onde irão conhecer melhor os fremen, nativos do planeta desértico Arrakis, e seu

modo de vida. Esse povo e seus costumes são uma peça-chave para o movimento da narrativa e, apesar de não estar na tabela apresentada, também exerce um tipo de poder peculiar.



Figura 2. Harkonnens deixando Arrakis com seus melhores equipamentos de extração da especiaria (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 3. quantidade de tonéis de especiaria a ser enviada ao Império pelos Atréides a cada mês-padrão (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 4. Lady Jéssica e Paul Atréides em seu planeta natal, Caladan (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

A MANIPULAÇÃO GENÉTICA E RELIGIOSA BENE GESSERIT

As Bene Gesserit são pertencentes a uma escola composta apenas por mulheres, as aprendizes devem iniciar seu treinamento na Doutrina Bene Gesserit ainda durante a infância, que é composta por diversas técnicas de controle físico e mental, tanto pessoais quanto em terceiros. Apesar de suas técnicas serem secretas, as Bene Gesserit aparecem em público e são reconhecidas como instituição religiosa importante para o Império.



Figura 5 Bene Gesserit reunidas. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

A estrutura hierárquica interna da escola não é bem definida, o primeiro contato que o leitor tem com uma Reverenda Madre – alto posto entre as Bene Gesserit – se dá logo no início da trama, quando a Reverenda Madre Gaius Helen Mohian, a Proclamadora da Verdade do Imperador Shaddam IV. Ela, assim como outras Reverendas Madres, tem a habilidade de

detectar se há verdade na fala de alguém somente pelo tom no qual a frase foi proferida e as microexpressões que a acompanham.

Para além da fachada religiosa, dentro da escola Bene Gesserit existe uma sociedade secreta que exerce função política: dar continuidade aos “interesses humanos”. Não se desenvolve, no livro, que interesses são esses, mas pode-se entender os meios para chegar ao incógnito fim. Durante um trecho da obra, o leitor é apresentado ao teste que a Reverenda Madre realiza no jovem Paul Atreides – para verificar se é de fato um humano ou apenas um animal – é explicado o que se entende como ser humano no universo de Duna: possuir características de resistência à dor vinculadas ao desejo de defender a espécie. Assim, mesmo dois homens tendo as mesmas características físicas, um pode ser considerado humano enquanto o outro, não. Raffestin (1993) comenta:

“[...] uma série de autores anglo-saxões multiplicaram as pesquisas para demonstrar, de uma maneira absoluta – ao menos segundo a crença deles –, a desigualdade das raças, isto é, a superioridade ou a inferioridade definitiva de algumas dentre elas.” (p.130)

No contexto da manipulação genética eugenista das Bene Gesserit, a desigualdade de raças eleva-se à desigualdade de espécies, os que detêm a habilidade desejada para a continuidade de seus planos são superiores aos que não a têm, isto é, não checar todos os quesitos necessários é equivalente à deposição da posição – de igualdade, supostamente – entre os pares da espécie humana.

As noviças Bene Gesserit são instruídas em missões ou acordos para procriar entre as Casas Maiores, a prole é sempre feminina – não é permitido ter filhos homens entre as Bene Gesserit – e comumente acabam tornando-se aprendizes da escola assim como suas mães. A identidade dos homens que fornecem seu sêmen às Bene Gesserit é arquivada em sigilo, caso uma noviça precise procriar com um parente próximo para reforçar um traço genético, não há índice de fracasso.

O objetivo das Bene Gesserit ao cruzar tantos nobres das Casas Maiores é produzir um homem que seja capaz de atingir as mesmas habilidades que as Reverendas Madres, permitidas por uma consciência coletiva passada de geração em geração através da droga da verdade. No entanto, o Kwisatz Haderach – título do homem que conseguir este feito –, não terá conexões apenas no passado, masculinas e femininas, também será capaz de ter conexões com o futuro. Ele é a ferramenta perfeita: um usuário do poder que elas controlam, que seja seguro para elas. O que elas não preveem, no entanto, é que não há como construir uma arma psicológica sem que se sofra com essa arma, não há garantia de controle sobre ela.

“Quem procura ressaltar as diferenças qualificadas, procura por isso mesmo utilizá-las, portanto delas deduzir um poder. Em consequência, é de temer que essas novas pesquisas correspondam, ainda aí, a um desejo de fundar uma dominação, cujas finalidades e estratégia nos escapam em grande parte, mas que não deixam de ser claras: pretendem assegurar a perenidade de poder de alguns sobre muitos.” (RAFFESTIN, 1993, p.131)

Para que o caminho do Kwisatz Haderach seja seguro em qualquer planeta no qual ele possa nascer, Missionárias Protetoras Bene Gesserit são enviadas para as regiões mais remotas do Império para plantar crenças e profecias dentro das religiões locais que favoreçam a chegada do “Prometido”. As noviças são instruídas, em seus treinamentos, sobre os padrões proféticos das Missionárias Protetoras para que possam influenciar os nativos do planeta natal de seu filho, caso sejam elas que gestem o Kwisatz Haderach.

Por terem tantas informações e habilidades desconcertantes a muitos indivíduos, há um grande tabu em torno das Bene Gesserit, são chamadas de bruxas, dificilmente colocadas em posição de confiança – exceto quando são Reverendas Madres – e rapidamente acusadas de tramar algo por debaixo do pano, estereótipos que tem fundamento, uma vez que se sabe sobre suas atividades secretas.

A Voz, uma das habilidades cultivadas pela Doutrina Bene Gesserit, baseia-se em produzir um específico tom vocal relacionado à leitura corporal do indivíduo que se procura atingir que permite o controle sobre tal ser. Apesar disso, a voz é utilizada na narrativa apenas em situações de disputa acirrada de forças para garantir a sobressalência do controle momentâneo.

Por compor uma possibilidade de poder muito grande, a Voz e suas usuárias são temidas por indivíduos de fora da escola Bene Gesserit. Não pode ser negar o aspecto controverso e perturbador de estar a mercê de Proclamadoras da Verdade, porta-vozes tão importantes na política, que podem distorcer as narrativas pelo ato de verbalizar algum comando simples.



Figura 6 Lady Jéssica amordaçada para não usar a Voz com seus inimigos. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

No entanto, dentro de todas as adversidades, posição semi-velada na sociedade e estigmas sofridos, a escola persistiu por mais de 90 gerações. A comunicação, relação de troca de informações, é um trunfo muito bem cultivado pelas Bene Gesserit.

Lady Jéssica, Bene Gesserit e concubina oficial de Duque Leto, atua como sua esposa não oficial. Foi instruída a gestar uma menina, porém deixa seu amor pelo duque vencer e lhe dá um herdeiro, Paul. O menino cresce sendo instruído pela mãe na doutrina Bene Gesserit, com quinze anos é testado pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohian para certificar de que era capaz de continuar sendo instruído com maior profundidade.



Figura 7. Paul Atreides sendo testado pela Reverenda Madre Gaius Helen Mohian. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Paul já apresenta sonhos premunitivos antes mesmo de ir para Arrakis, lá, ele entra em contato com uma quantidade de especiaria muito maior do que já havia consumido anteriormente e desenvolve cada vez mais suas habilidades prescientes. Ao tomar a Água da Vida, líquido que tem efeito similar ao da droga da verdade, não morre como os outros homens que o tentaram. Ele enfim, é o Kwisatz Haderach, mas não está sob o tão desejado e planejado controle das Bene Gesserit:

“–Observem-na, camaradas! Esta é uma Reverenda Madre das Bene Gesserit, paciente de uma causa nobre. Foi capaz de esperar com suas irmãs por noventa gerações, até que a combinação de genes e local corretos produzisse a pessoa que seus planos exigiam. Observem-na! Agora ela sabe que as noventas gerações produziram esta pessoa. Aqui estou eu... mas... nunca... farei... o que... ela... mandar!” (HERBERT, 1965, p. 606)

Até o momento em que esta afirmação é definida, tanto Paul como Lady Jéssica utilizam de seus conhecimentos sobre a influência da Missionária Protetora que esteve em Arrakis séculos antes de sua chegada, assim são rapidamente acolhidos pelos fremen. Mostram-se as pessoas da profecia instalada no planeta: Lisan Al-Gaib, a voz do exterior.

“Os fatos nos mostram que essa estreita ligação entre a Igreja e o Estado desemboca finalmente numa predominância do Estado, que manipula a religião para assentar seu poder. A reforma anglicana no século XVI tinha por objetivo, entre outros, facilitar certas transmissões de riquezas e melhor controlar a população. As vantagens dessa ligação são evidentes. De fato, o poder, nesse caso, possui um forte componente informacional, e o Estado gasta muito menos energia para obter a adesão da população às suas pretensões políticas.” (RAFFESTIN, 1993, p.125)

As Bene Gesserit, como foi apresentado, manipulam a religião para assentar seu poder no sentido literal e, aqui, agem como atores do Estado ou em conjunto a ele. O conhecimento do Império sobre os planos das Bene Gesserit não é explicitado na obra, mas pode-se imaginar que o sabem, mesmo que em nível superficial. Afinal, todas essas habilidades sobre o controle da população através da religião se provam um trunfo do poder enorme, não à toa o Imperador sempre mantém uma Bene Gesserit por perto, enviando até mesmo sua filha, a princesa Irulan, para ser instruída na doutrina.

O CONTROLE DE TRÁFEGO DA GUILDA ESPACIAL

A Guilda Espacial, assim como as Bene Gesserit, tem sua escola original fundada séculos antes da trama principal apresentada na obra. Eles, por sua vez, desenvolveram habilidades mentais matemáticas que permitem, com a ajuda da especiaria, a navegação estelar sem a necessidades de máquinas pensantes. Tornaram-se uma grande instituição que controla todo o tráfego interestelar com naves gigantescas (figura 8). Nelas, transportam naves menores, mercantis e civis, fazendo o controle de segurança para que não haja contrabando ou conflito em nenhuma etapa do transporte.

“– E não podemos sair de nossas fragatas?”

–Faz parte do preço que se paga pela Segurança da Guilda. Se houvesse naves Harkonnen ao lado das nossas, nada teríamos a temer. Os Harkonnen sabem que não vale a pena colocar em risco seus privilégios de embarque.

–Vou ficar de olho nos nossos monitores, para tentar ver um membro da Guilda.

–Não vai, não. Nem mesmo os agentes da Guilda podem ver um de seus membros. A Guilda é tão ciosa de sua privacidade quanto de seu monopólio.” (HERBERT, 1965, p. 72)

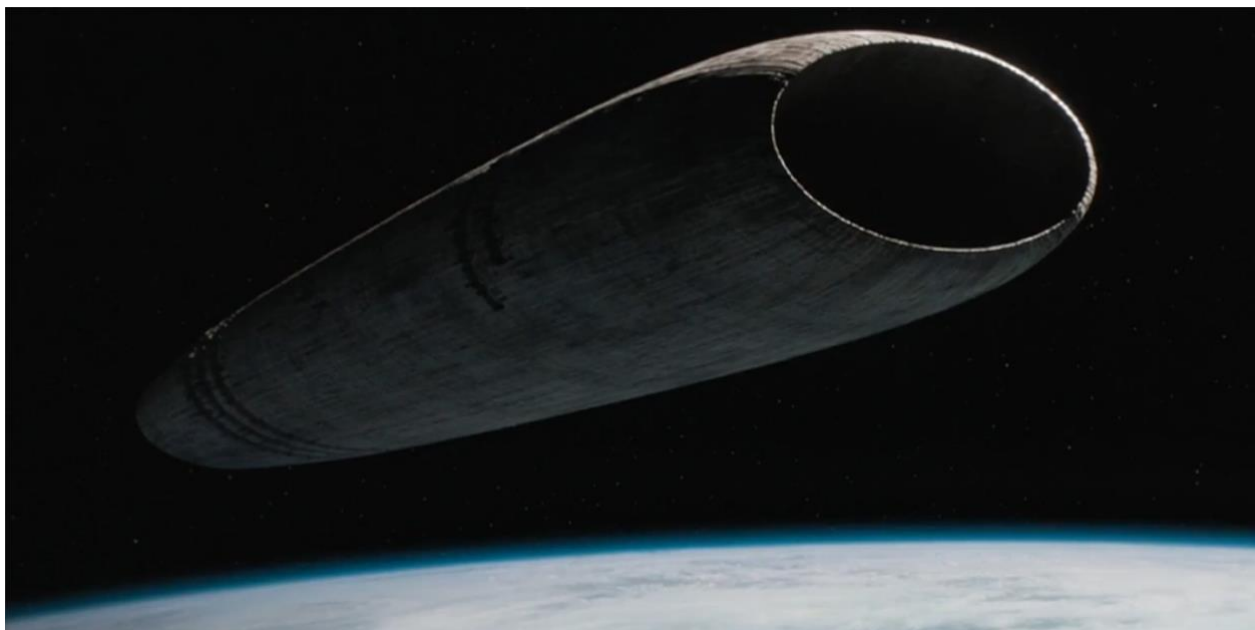


Figura 8. Nave da Guilda Espacial utilizada para transporte interplanetário. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Em *Geografia política e geopolítica*, Costa (2020) dialoga com A. T. Mahan sobre o poder marítimo, o primeiro autor considera o segundo como responsável pela introdução de uma “óptica norte-americana” no final do século XIX. Comenta que Mahan “baseia-se numa concepção integrada de todas as atividades relacionadas ao mar” (p. 69), considerando tanto o poder naval quanto o comércio marítimo.

Há três elementos pelos quais “Mahan sintetiza o modo pelo qual ele os articula em seu conceito de poder marítimo” (COSTA, 2020, p.71): produção, navegação e colônias. Considerando a necessidade de troca entre os produtos, os meios para essa troca e pontos de apoio que a possibilitem, é possível traçar paralelos entre o mar e o espaço sideral, afinal, ambos têm o mesmo funcionamento em escalas diferentes.

A posição geográfica é outro ponto que deve ser compreendido ao analisar vantagens e trunfos. No caso da Guilda Espacial, a posição geográfica não é citada com exatidão, mas é evidente que seu alcance é excelente. O monopólio da Guilda Espacial é justamente a exclusividade na taxaço sobre o transporte interplanetário, veja, seus membros têm controle total sobre um território gigante, o espaço sideral entre os planetas.

Os interesses da Guilda não são claros no primeiro livro da série *Duna*. Porém, nos momentos finais da narrativa, a Guilda Espacial leva o Imperador e suas legiões de soldados Sardaukar a Arrakis para confrontar Paul Atreides. Não porque são submissos ao Imperador, mas sim, porque também estão sendo ameaçados pelo poder adquirido por Paul sobre a especiaria, recurso tão importante para o funcionamento da Guilda.

“Paul sabia que não era o cargueiro que despertava a admiração de Stilgar, e sim a construção para o qual o cargueiro fazia as vezes de coluna central. Um único bivaque de metal, com vários andares, estendia-se num círculo de mil metros em volta da base do cargueiro – uma tenda composta de folhas metálicas imbricadas –, o alojamento temporário de cinco legiões de Sardaukar e de Sua Majestade Imperial, o imperador padixá Shaddam IV.” (HERBERT, 1965, p. 569)

As naves da Guilda, assim como as naves de outras organizações que ela transporta, estão equipadas com uma tecnologia bélica chamada armalês que, quando combinada com os escudos defensores utilizados em larga escala para a defesa de cidades e exércitos, gera fusão subatômica, resultando em consequências catastróficas. Nesse sentido, a presença de tal arma naval é mais simbólica do que prática, a Guilda Espacial dificilmente a utilizaria em qualquer contexto. Mais especificamente, não pode utilizá-la contra Arrakis pela possibilidade do exército fremen de Paul Atreides destruir a especiaria.



Figura 9. Armalês sendo utilizada pelos fremen para destruir maquinário de extração do mélange Harkonnen. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Durante a narrativa somos gradativamente apresentados aos fremen, sua religião, costumes e cultura em geral. Por mais que inicialmente esse povo não exerça poder hierárquico sobre Arrakis, percebe-se uma construção de saberes que se tornam trunfos, e “um trunfo raramente é único. Trata-se sempre de um trunfo complexo” (RAFFESTIN, 1993, p. 59). No próximo capítulo serão discutidas e analisadas as posições relativas dos trunfos exercidos pelos fremen, considerando o que o autor comenta:

“Obter trunfos suplementares não significa, de modo algum, “possuí-los” ou “dominá-los”. Simplesmente pode ser tratar de exercer um controle que permita prever, ter acesso, neutralizar etc. Eis todo o problema das posições relativas *vis-à-vis* desses trunfos, ou seja, a possibilidade de integrá-los nesta ou naquela estratégia.” (RAFFESTIN, 1993, p.59)

2. OS TRUNFOS FREMEN: ações de guerrilha e territorialidade dos nativos de Arrakis

Os fremen, nativos de Arrakis, e outros grupos étnicos das cidades e vilas do círculo polar norte dividem o planeta a séculos, no entanto, a convivência não é pacífica. Os fremen são parte da resistência ao governo totalitário dos Harkonnen e tem interesse de continuar na mesma posição durante a troca da posse de Arrakis entre as Casas Maiores.

Compõem peça fundamental para o desenvolvimento da narrativa por coletarem trunfos de poder. População, território e recursos aparecem como as bases da construção dos fremen como uma comunidade e, não obstante, giram em torno do *mélange*. São, por fim, a escada pela qual Paul Atreides subiu para despertar o *jihad*.

A começar pelo número de indivíduos fremen no planeta Arrakis, somos apresentados inicialmente com uma estimativa dada pelo Mentat – humano treinado para exercer a mesma função de um computador – de Vladimir Harkonnen, com esse dado, as ações do Estado arrakino eram baseadas no entendimento falso de que os fremen compunham uma parcela mínima da população total de Arrakis, tornando-os “fáceis de lidar”. Mesmo sendo considerados perigosos, têm sua inteligência e força subestimadas devido seu tamanho supostamente pequeno.

“– Os Harkonnen não sabem sobre os fremen?
– Os Harkonnen desprezaram os fremen, caçaram-nos por prazer, nunca sequer se deram ao trabalho de recensê-los. Conhecemos a política dos Harkonnen em relação às populações planetárias: gastar o mínimo possível para mantê-las.” (HERBERT, 1965, p. 71)

Essa é uma das primeiras ações diferentes que Duque Leto tomou em seu pouco tempo no poder de Arrakis. Antes mesmo de mudar-se para o planeta mandou Duncan Idaho, um de seus oficiais mais confiáveis, para entrar em contato e conhecer melhor as comunidades fremen ao redor do paralelo 60N. Dele, consegue a informação:

“– Com base no beneficiamento de alimentos e em outros indícios, Idaho estima que o complexo de cavernas que visitou tinha por volta de dez mil pessoas no total. O Líder deles disse governar um *sietch* de duas mil famílias. Temos motivos para acreditar que existem muitas dessas comunidades *sietch*.” (HERBERT, 1965, p. 121)

Agora, com esse dado, Duque Leto pode fazer uma escolha de se aliar aos fremen ao invés do opô-los (RAFFESTIN, 1993, p. 68-69). A personagem chega a citar a necessidade de buscar a “força do deserto”, no sentido de explorar a territorialidade em Arrakis.

“A territorialidade se inscreve no quadro da produção, da troca e do consumo das coisas. Conceber a territorialidade como uma simples ligação com o espaço seria fazer renascer um determinismo sem interesse. É sempre uma relação, mesmo que diferenciada, com outros atores.” (RAFFESTIN, 1993, p.161)

Apesar da morte precoce do Duque na narrativa, Leto é capaz de construir uma ponte entre os fremen, que têm sua própria territorialidade no planeta deserto, e a Casa Atreides. Laço que será muito aproveitado posteriormente por seu filho Paul.

O território de Duna, nome popular do planeta Arrakis por seus desertos infinitos, é paradoxalmente grande e pequeno, um planeta de tamanho mediano cujo único local habitável é acima das latitudes mais próximas ao polo norte, onde as temperaturas permitem o cultivo de algumas plantas e é mais seguro expor-se ao sol sem grandes consequências. Há algumas poucas cidades espalhadas pela região além de vilas e sietchs, moradia das comunidades fremen.

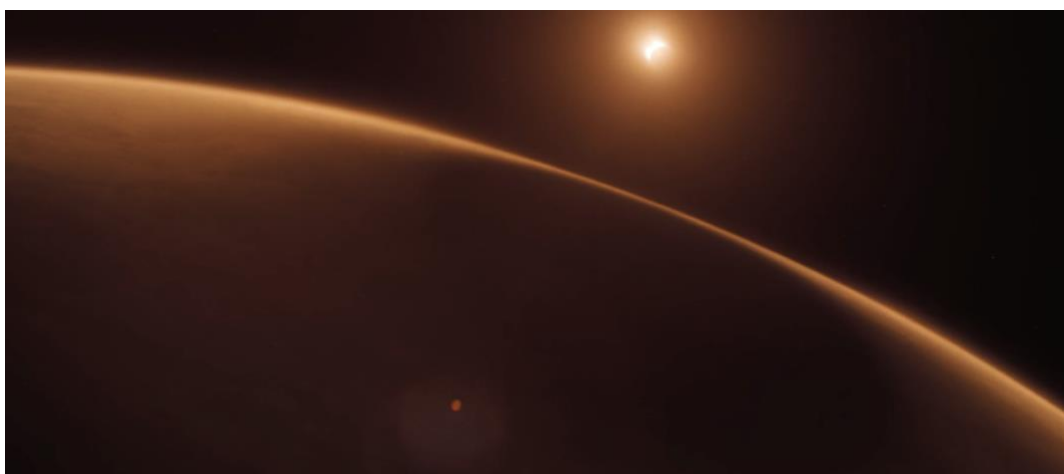


Figura 10. Visão espacial de Arrakis. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

O deslocamento terrestre é perigoso, além do risco de desidratação e queimaduras, vermes gigantes da areia circulam pelos desertos (figura 11). Atraídos por qualquer tipo de frequência rítmica transmitida pela areia eles podem rapidamente localizar passos de um viajante ou o passar de rodas de um automóvel. O melhor meio de transporte, mas não o mais acessível, são os ornitópteros, máquinas voadoras resistentes rajadas de vento em alta velocidade que permitem a circulação segura sobre as areias do planeta.

No mapa de Arrakis (figura 12) é possível visualizar onde estão localizadas as comunidades de *sietchs* fremen, todas ao longo do perímetro das muralhas protetoras, beirando o deserto, algumas já bem adentro, considerando a periculosidade das distâncias. Ao falar sobre território, Raffestin diz que este se forma

“a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço.” (1993, p.143)

Em Arrakis diferencia-se o território humano do território dos vermes, do desconhecido, da morte certa. “O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si.” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Os *sietchs* fremen são a fronteira entre esses dois territórios.

Os fremen desenvolveram formas de sobrevivência no deserto, foram capazes de se estabelecer em complexos cavernosos de afloramentos rochosos em meio as dunas e construir sistemas de vedação hermética, ventilação e controle de humidade para moradia e subsistência. São capazes de se deslocar no deserto durante a noite, quando a temperatura da superfície é menor, têm ferramentas de orientação específicas para o meio além de desenvolverem trajes específicos que reaproveitam praticamente toda a umidade perdida pelo corpo humano, retornando-a ao estado de água potável. Mantém, também, uma técnica desenvolvida especialmente para andar sobre as areias do deserto arrakino, uma sequência de movimentos que imitam sons naturais do deserto, sem qualquer cadência rítmica que poderia atrair vermes indesejados.

Aparecem, inclusive, deslocando-se grandes distâncias com vermes da areia como montaria (figura 17):

“Tinham-no ajudado a subir pelo flanco de um verme para uma curta viagem de treinamento. Podiam montar o verme capturado até ele ficar imóvel e exausto na superfície do deserto, quando então era preciso convocar um outro criador.” (p. 498-499)



Figura 13. Formação rochosa no deserto arrakino (Fonte: Reprodução / Warner Bros).



Figura 14. Grupo fremen em frente a entrada do sietch Tabr. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 15. Interior do sietch Tabr. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 16. Trajestilador, vestimenta especial para o deserto arrakino desenvolvida pelos fremen. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 17. Fremen montando verme da areia. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Decerto, por dominarem o deslocamento desértico, exercem um trunfo importante para sua segurança, isolando-se dos colonizadores extratores de especiaria em regiões mais afastadas preferem manter suas tradições exclusivas aos fremen. Esse comportamento pode ser explicado a partir de uma visão do passado que Lady Jessica tem ao tomar a Água da Vida, um líquido com grande concentração de especiaria que a torna uma Reverenda Madre.

“– Somos o povo de Misr – a velha falou, com voz irritante. – Desde que nossos ancestrais sunitas fugiram de al-Ourouba, às margens do Nilo, conhecemos a fuga e a morte. Os jovens seguem em frente para que nosso povo não morra.

[...]

Viu que os fremen estiveram em Poritrin, onde se deixaram amolecer por um planeta complacente, presa fácil para os saqueadores imperiais capturarem e introduzirem nas colônias humanas de Bela Tegeuse e Salusa Secundus.

[...]

–Negaram-nos o Hajj!

Jéssica viu as senzalas de Bela Tegeuse no fim daquele corredor interno, viu o extermínio e a seleção que levaram a humanidade a Rossak e Harmonthep. Cenas de ferocidade brutal se abriram para ela como as pétalas de uma flor terrível. E ela viu a meada do passado carregada por uma Sayyadina após a outra, a princípio de boca em boca, escondida no cançãoeiro da areia, depois aprimorada pelas próprias Reverendas Madres, com a descoberta da droga-veneno em Rossak... e agora discretamente fortalecida pelo desenvolvimento obtido ali em Arrakis, com a descoberta da Água da Vida.” (p.460)



Figura 18 Lady Jéssica como Reverenda Madre após ingerir a Água da Vida. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Por terem sido um grupo em diáspora desde os tempos em que a humanidade habitava apenas a Terra, são retirados de uma cosmovisão com o lugar em que vivem, mas a partir da religião encontram unicidade novamente, Arrakis passa a ser o lar dos fremen, guiados pelas Sayyadina e Reverenda Madre pela ingestão da especiaria na forma de Água da Vida (figura 19).



Figura 19 Água da Vida. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Os fremen têm, também, a capacidade de extrair da especiaria mélangé. Utilizam-na em seus rituais religiosos e na alimentação dos sietchs, sua presença é tão grande que os fremen

compartilham uma característica física em virtude de um efeito colateral do uso de mélange a longo prazo: olhos completamente azuis, até mesmo suas escleras.

Os saberes fremen estão cuidadosamente entrelaçados com os trunfos do poder, são o povo com a mais informação sobre Arrakis. Com o comércio da especiaria, os fremen subornam a Guilda Espacial para que não haja satélites no hemisfério sul do planeta. Abaixo do equador, depois da linha de tempestades, há sietchs e estações ecológicas que estão sucedendo em sustentar vegetação, o início de um plano reflorestamento. Além disso, conseguem alguns poucos recursos que não são produzidos nos sietchs, como água.



Figura 20. Ornitópteros em frente a uma tempestade de areia. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Água em Arrakis é mais importante que dinheiro, sendo muitas vezes utilizada como moeda de troca. Devido a escassez devastadora, água é sinônimo de sobrevivência, aqueles que detêm maiores reservas poderão ter maior longevidade. Fontes, jardins e o ato de jogar cálices de água no chão são símbolos de ostentação utilizados pelos habitantes das cidades e vilas de Arrakis.

“O controle e/ou a posse da água são sobretudo de natureza política, pois interessam ao conjunto de uma coletividade. As relações conflituais que se travam a propósito da água são observáveis em grande escala, como por exemplo nas zonas irrigadas submetidas à repartição das águas, ou em pequena escala, onde duas nações disputam entre si uma bacia hidrográfica. Basta acontecer uma seca na Sicília, o que não é raro, e toda uma rede de relações de poder se instala para controlar o acesso à água. Controle ilegal, sem dúvida, no qual a máfia não deixa de desempenhar o seu papel. A água é então um trunfo tão precioso quanto a vida que ela cria. O exemplo de Israel e das águas do Jordão é também bastante ilustrativo.” (RAFFESTIN, 1993, p. 232)”

Os conflitos por água em Arrakis são naturalizados na narrativa de *Duna* (1965). No excerto abaixo é possível ver a dinâmica das relações de poder econômico em Arrakina, capital de Arrakis.

“Diante de cada prato sobre a mesa comprida havia um cântaro de água. Pela estimativa do duque, havia água suficiente ao longo da mesa para sustentar uma família Arrakina pobre durante mais de um ano.

De cada lado da porta onde ele se encontrava, havia amplos lavatórios de azulejos decorados, verdes e amarelos. Cada pia tinha seu cabide de toalhas. Era o costume, explicara a governanta, que os convidados, ao entrar, mergulhassem as mãos na pia com toda a cerimônia, derramassem várias taças de água no chão, secassem as mãos numa toalha e a atirassem na poça que ia se formando e aumentando à porta. Depois do jantar, os mendigos se reuniam lá fora para torcer as toalhas e recolher a água.” (HERBERT, 1965, p. 175)

Na sequência do trecho acima, o Duque Leto leva seus convidados a beberem metade do cântaro de água em frente seus pratos e jogar a metade restante no chão. Imediatamente, os convidados ficam incomodados, pois mesmo na dinâmica de desperdício que adotavam não considerava certo desperdiçar água limpa, própria para consumo.

Na cultura fremen procuram desperdiçar o menor volume de água possível, diante da morte de uma pessoa da comunidade existe um ritual que retira toda a água do corpo falecido para que possa retornar às reservas do sietch. No trecho a seguir, Lady Jéssica reflete sobre um comentário feito por um dos fremen em relação a seu filho, Paul, ter chorado em um ritual fúnebre.

“Ela se concentrou nas palavras: “Ele oferece água para os mortos”. Era um presente para o mundo das sombras: lágrimas. Seriam, sem dúvida alguma, sagradas.

Nada naquele planeta tinha incutido nela com tanta força o valor supremo da água. Nem os vendedores de água, nem as peles ressequidas dos nativos, nem os trajestiladores e as regras da hidrodisciplina. Eis que ali se apresentava uma substância mais preciosa que todas as outras: era a própria vida e enredava tudo a seu redor com simbolismo e cerimônia.

Água.” (HERBERT, 1965, p. 406)

A reverência com que os fremen aceitam Paul e sua mãe como a Lisan Al-Gaib, voz do exterior que levará seus seguidores a salvação é surpreendente, porém já foi visto anteriormente em relação profetas da História terrestre. Para Raffestin (1993):

“A religião, ainda da mesma maneira que a língua, pode constituir o ponto de apoio da alavanca da resistência e da oposição. Fonte de um poder com um forte componente informacional, a religião pode permitir a junção de energias consideráveis e a formação de uma rede de resistências muito cerrada. Nos países que tiveram de se submeter à presença colonialista e que quase sempre o sagrado profundamente arraigado nas consciências era, em geral, a única base informacional sobre a qual era possível constituir uma oposição coerente.” (p.126)

A etno-religião dos fremen é a âncora de sua resistência tão perseverante, a rede complexa de comunidades sietchs ao redor das vilas e cidades arrakinas povoadas por colonizadores, contrabandistas, fremen e comerciantes, marca uma vantagem geográfica delas, mesmo que a informação sobre tal trunfo transite pouco entre as camadas sociais. Os saberes do deserto cultivados e mantidos pelos fremen estão fundados nas bases de sua religião. Seu domínio sobre técnicas de produção e uso da especiaria finaliza os três fatores que compõe os trunfos do poder conceitualizados por Raffestin.

3. A ECONOMIA DO MÉLANGE: origem, propriedades e a CHOAM

No período histórico em que a história de *Duna* (1965) acontece, o mélange é o único artifício capaz de derrubar o Império por ser a commodity mais importante do universo da obra, considerada a mais rara e de maior valor. Uma pasta com alto índice de especiaria seria o suficiente para comprar um planeta inteiro, por exemplo.

Ao final da narrativa, quando Paul Muad'Dib Atreides torna-se o Kwisatz Haderach e Lisan Al-Gaib, sua intensão principal é ameaçar o Império com a promessa de destruir todo estoque de mélange disponível e impossibilitar a continuidade da sua extração para conseguir o trono do Império.

A importância da especiaria está diretamente relacionada aos efeitos de seu uso, que podem variar de acordo com a quantidade e frequência com que é ingerida, causando, em qualquer nível de consumo, leve aumento nas capacidades de percepção sensorial e despertando partes adormecidas do cérebro. Em alguns humanos, como as Bene Gesserit e os navegadores da Guilda Espacial, o uso da especiaria em altos níveis pode levar ao desenvolvimento de habilidades poderosas como a presciência.

Sem o mélange não haveria Império, os navegadores da Guilda Espacial utilizam a especiaria para conseguirem traçar rotas estelares, logo, viagens interplanetárias não seriam possíveis. Suas propriedades geriátricas também aumentam a expectativa de vida e a saúde no geral, mas a ingestão de qualquer dose do mélange, por ser um narcótico, causa dependência moderada a extremamente alta.

Além disso, o uso contínuo em altas quantidades tem como consequência efeitos físicos, os Olhos de Ibad (figura 21) são característicos da alteração mais comum entre os usuários, isto é, a mudança completa da coloração do globo ocular, deixando íris e esclera totalmente azuis.

Devido a alta taxa de dependência, o mercado interplanetário tem grandes demandas da especiaria. As Casas Maiores, em especial, têm o costume de não só consumi-la com avidez, mas também se armazená-la. No entanto, a segunda prática é uma faca de dois gumes, pois enquanto os estoques são uma garantia financeira em caso de algum colapso, sua existência – e tamanho – podem ser enxergados pela Guilda Espacial, as Bene Gesserit e as Casas Maiores rivais como uma ameaça à sua posição dentro do Imperium.



Figura 21 Olhos de Ibad, azul sobre azul. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Lady Jéssica e Dr. Yueh tem um diálogo onde o médico faz um comentário pertinente ao valor de troca da especiaria:

“– Estou pensando que a especiaria é vendida a seiscentos e vinte mil solaris o decagrama no mercado livre neste exato momento. É dinheiro suficiente para comprar muitas coisas.

– A ganância afeta até mesmo você, Wellington.

– Não é ganância.

– O que é, então?

Ele deu de ombros.

– Futilidade. – Ele olhou para ela. – Você se lembra da primeira vez que experimentou a especiaria?

– Tinha gosto de canela.

– Mas nunca se repete – ele disse. – É como a vida: apresenta uma face diferente toda vez que a experimentamos. Alguns afirmam que a especiaria produz uma reação de paladar adquirido. O corpo, ao aprender que algo é bom para ele, interpreta o sabor como agradável, ligeiramente eufórico. E, assim como a vida, nunca será realmente sintetizada.” (p. 95)

A origem da especiaria é muito curiosa, pois é decorrente de um processo presente no ciclo da vida dos vermes de areia de Arrakis. Antes de tornarem-se vermes gigantes, esses seres ocupam as profundezas das dunas como trutas de areia e, ao entrarem em contato com água subterrânea, iniciam sua fase de pupa, criando uma massa pré-especiaria. Essa massa então é emergida por uma explosão de pressão, finalmente, a exposição às temperaturas extremas da superfície desértica transforma a massa em especiaria.

Os vermes de areia, após sua fase pulpar, tornam-se extremamente sensíveis a água, o contato breve com o líquido pode ser fatal a eles. Ao reproduzir-se o verme morre, liberando

mais trutas de areia no deserto, continuando o ciclo. É possível, no entanto, interromper esse processo para criar a Água da Vida, Lady Jéssica descobre o método utilizado durante a cerimonia ritualística que a transforma em uma Reverenda Madre.

“Mas Jéssica estava concentrada na revelação da Água da Vida, visualizando sua origem: a exalação líquida de um verme da areia, um criador agonizante. E ao ver, em sua memória, que o matavam, ela sufocou um grito.

A criatura era afogada!” (p. 460)

A relação entre o mélange e os vermes de areia é cuidadosamente velada, não é do interesse dos atores do poder do Estado que a população arrakina saiba que o motivo de viverem em condições de escassez de recursos são os vermes – que destroem tudo por onde passam – para que o Império lucre em cima da exploração de sua força de trabalho e seu planeta.

O mélange é a commodity mais rara e cara do universo porque é uma chave de acesso ao poder através de inúmeras classes de utilidades. Raffestin esquematiza tal questão:

“O poder original do homem se revela por intermédio do aparecimento das propriedades da matéria, que correspondem, para o homem, às classes de utilidade. Pode-se medir o poder sobre a matéria pelo crescimento correlativo das classes de propriedades e das classes de utilidades. Pois o homem não se interessa pela matéria como massa inerte indiferenciada, mas na medida em que ela possui propriedades que correspondem a utilidades. Nessas condições, não é a matéria que é um recurso. Esta, para ser qualificada como tal, só pode ser o resultado de um processo de produção: é preciso ter um ator (A), uma prática ou, se preferirmos, uma técnica mediatizada pelo trabalho (r), e uma matéria (M). A matéria só se torna recurso ao sair de um processo de produção complexo, que se pode formular de maneira rudimentar; $ArM \rightarrow P$ (conjunto de propriedades ou recurso).” (1993, p. 225)

Com o poder acessado pela posse e/ou uso do mélange, nasce a possibilidade de transformar esse recurso em uma arma, para que isso se realizado,

“é preciso que certas condições sejam realizadas. Antes, porém, eles sempre podem constituir instrumentos de pressão.

Os atores submetidos a essas pressões têm as seguintes possibilidades, sejam elas escolhidas isoladamente ou em combinações.

1. Adotar uma política de diversificação das fontes de importação;
2. Reduzir ou estabilizar as importações explorando mais intensamente as reservas, utilizando uma tecnologia para desenvolver substitutos ou reduzindo a demanda;
3. Continuar a contar com as importações das fontes tradicionais, mas aumentar a segurança fazendo acordos bilaterais com os fornecedores;
4. Procurar uma solução multilateral em acordo com outros países importadores.

É evidente que essas possibilidades não são de uma mesma natureza, pois 1, 3 e 4 são de natureza comercial, enquanto 2 é de natureza comercial,

enquanto 2 é de natureza técnico-econômica e só é viável para atores que dispõem de infraestrutura científica desenvolvida.” (RAFFESTIN, 1993, p.253)

Até o confronto ao final de *Duna* (1965), o Império estava lidando com a pressão realizada por Paul Atreides e os fremen, apesar disso, algumas das possibilidades apresentadas acima não eram viáveis para os atores do Estado: 1 e 4 por Arrakis ser o único planeta produtor de melange do Império, isto é, não haver concorrência; 2 e 3, são viáveis em partes, mas desestabilizaria as relações de poder entre as Casas Maiores do Landsraad, enfraquecendo o Império.

Porém, quando o imperador padixá Shaddam IV chega em Arrakis com suas legiões de soldados altamente treinados, os Sardaukar, junto aos Harkonnen, o ator do Estado toma uma posição política que termina de enfraquecer seu trono: Declara publicamente que reconhece o escape e sobrevivência de Paul Atreides da tentativa de golpe orquestrada pelo imperador e o Barão Vladimir Harkonnen. No trecho a seguir, o imperador hasteia a bandeira da companhia CHOAM para afirmar que não se importa da existência de Paul Atreides, o lucro acima da exploração do melange é o que importa mais, mais do que sua reputação e poder político no Landsraad.

“– Não entendi – disse Stilgar.

– Ponha sutil nisso – disse Gurney. – Se tivesse hasteado a bandeira Atreides, ele teria de arcar com as consequências de seu ato. Há muitos observadores por perto. Poderia ter sinalizado com a bandeira Harkonnen em seu mastro, e isso teria sido uma declaração inequívoca. Mas, não: ele hasteia o trapo de CHOAM. Está dizendo às pessoas lá em cima... – Gurney apontou o espaço – ... onde está o lucro. Está dizendo que não da a mínima se temos ou não um Atreides.” (HERBERT, 1965, p.575)

A companhia CHOAM, Consórcio Honnetê Ober Advancer Mercantiles, é destinada a organização, armazenamento, comércio e ações sobre a especiaria e os produtos originados dela. Os sócios comanditários, maiores acionistas da CHOAM, tem poder de voto sobre as atividades da companhia. Alguns dos sócios são as Bene Gesserit, membros da Guilda Espacial e o imperador padixá Shaddam IV, todos têm demandas grandes por melange e controle sobre as entradas e saídas do pó alaranjado no Império inteiro. Essa é a real razão da ameaça apresentada por Paul Atreides, extinguir a especiaria do mercado econômico não resultaria apenas no fim do Império, mas no fim de todas as organizações de poder atuantes do universo de *Duna*.

A tomada de poder de Paul e o despertar do jihad não foi ao acaso. A pressão sobre o modo de produção do *mélange* que assolava Arrakis em todos os aspectos imagináveis causada pela fome de poder de agentes externos ao território arrakino criou relações de poder tão dissimétricas que ocasionaram uma crise, no caso o jihad, que inverte as posições relativas dos agentes dessas relações.

O PAPEL MESSIÂNICO DE PAUL MUAD'DIB ATREIDES

A jornada do herói que o protagonista da obra, para o autor, é definido por saber onde interromper a história, já que seu segundo livro intitulado “O Messias de Duna” é um retrato do declínio de Paul Atreides e as consequências de suas ações tomadas durante o primeiro livro. Herbert descreve a personagem de Paul, no segundo livro, como um arquetípico anti-herói.

É evidente que Paul não originou a jihad, foi apenas uma ferramenta, um meio para um fim. Os tipos de poder *fremen* articulando-se de forma a criar um Estado, um novo Império, encabeçado por Paul Atreides. Tal articulação política vinculada a religião abre via para a defesa dos interesses *fremen*. Mas, além disso, coloca a posição messiânica de Paul em cheque.

Assim como

“é evidente que essa ligação [Estado—Igreja] pode desembocar numa forma de Estado teocrático, o que evidentemente significa um poder considerável, uma vez que ocorre aí uma concentração do sagrado e do profano. As interdições, as obrigações, os sacrifícios de ordem religiosa são de certa forma, sancionados pelo temporal, e é aí mesmo que adquirem uma força enorme, pois a transgressão das regras e das normas têm não somente consequências no plano espiritual, mas também no plano temporal. A comunidade está então encerrada em laços políticos-religiosos extremamente fortes.” (RAFFESTIN, 1993, p. 124)

Na sua recepção como *fremen* no *sietch* Tabr, Paul escolhe seu nome de batalha e para o mundo exterior: Muad'Dib, um ratinho do deserto que reaproveita tudo que lhe está disponível para sobreviver (figura 22); e seu nome *fremen*, Usul, é dado por Stilgar, o líder do *sietch*. Significa “a base da coluna”. Ambos os nomes foram escolhidos sob o contexto de seus significados, agora, na união dos nomes: o processo natural de reaproveitamento e adaptação é a base da coluna da comunidade *fremen*. Paul Muad'Dib deve ser Lisan Al-Gaib.



Figura 22. Muad'Dib, ratinho da areia arrakino. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Se ele é o messias da narrativa é por fizeram sê-lo, o leitor encontra ao longo do livro pequenas informações e pontos de vista diferentes sobre o mesmo evento que leva a entender que sim, Paul Atreides é o predestinado. No sentido literal da palavra, seu destino foi escolhido antes mesmo de seu nascimento. Por ser filho de uma Bene Gesserit, sua própria existência era uma ameaça a organização e seus interesses até que sua humanidade fosse comprovada e o controle sobre ele fosse garantido; por ser o herdeiro da Casa Atreides, uma das mais populares das Casas Maiores, com grande influência sobre o Landsraad, novamente ameaçava outra casa rival, os Harkonnen, simplesmente por existir; por, junto a sua mãe, buscar os fremen e agir de acordo com os padrões proféticos da Missionária Protetora, foram reconhecidos como profetas e posteriormente como santidades messiânicas.

“– Água caindo do céu – sussurrou Stilgar.
Naquele instante, Paul viu como Stilgar havia deixado de ser o naib fremen para se tornar uma criatura da Lisan al-Gaib, um receptáculo de admiração e obediência. Isso diminuía o homem, e Paul sentiu ali o vento espectral do jihad.

Vi um amigo se transformar em adorador, *ele pensou.*” (HEBERT, 1965, p. 596)

Na sequência do trecho acima Paul percebe que não há forma de evitar o jihad, tarefa árdua que o protagonista tentava completar durante a última parte do livro. Quando os efeitos de sua predição alcançam Stilgar, líder fremen que instruiu Paul na cultura e tradição dos sietchs e sempre lutou para separar Usul, nome fremen de Paul, da Lisan al-Gaib, entidade profética

da religião butleriana seguida pelos fremen, Paul tem certeza de que não há mais retorno. O jihad acontecerá, será encabeçado por ele, sangue inocente caíra em seu nome, será o homem mais poderoso do Império e esse será o fim de sua pessoa íntima, não haverá mais o indivíduo, apenas a lenda.



Figura 23. Religioso fremen lendo a Bíblia Católica de Orange. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Raffestin (1993) elucida os fatores que levaram o triunfo da revolução islâmica iraniana, no parágrafo que segue pode-se substituir revolução iraniana por jihad butleriana, petróleo por mélange e Khomeini por Paul Muad'Dib Atreides:

“Certos comentaristas saudaram um pouco rápido demais a queda de uma ditadura substituída logo em seguida por um sistema que não é menos totalitário, nos fatos e na forma. Mas ainda nesse caso, se Khomeini islamiza à força, é porque está em condições de fazê-lo com a ajuda dos recursos consideráveis de que se dispõe, ou seja, graças ao petróleo. Em outras palavras, a revolução iraniana só foi possível porque é sustentada por um poderoso fator econômico. O regime atual persegue um sonho interior e pode fazê-lo porque tem os meios.” (p.128)

Ao ascender ao trono do Império por se casar com a filha do imperador padixá Shaddam IV, a princesa Irulan, Paul não faz nenhuma ação até o final da narrativa se não deixar Chani, uma guerreira e sacerdotisa fremen, mãe de seu filho, em posição de concubina. Esta única ação é suficiente para entender que apesar de ter sido levado até seu posto de poder recém adquirido pelos fremen, Paul ainda tem raízes nas relações de poder estabelecidas pelo Império que usurpou, e não pretende renunciar às tradições que a Grande Casa Atreides carrega.

Além disso, ele continua exercer o poder completo sobre a especiaria, dessa vez como agente do Estado, a forma mais acabada de exercício do poder político. Com tamanho poder

em mãos, o jihad pode expandir-se política e economicamente em detrimento de outros grupos, afinal, “conflitos maiores ou menores devem ser temidos, pois existe a possibilidade de numerosas relações dissimétricas.” (RAFFESTIN, 1993, p. 129)

No próximo capítulo será discutido como as relações de poder, com enfoque no modo de produção do *mélange*, afetam as relações entre os homens e o meio-ambiente.

4. A PAISAGEM DE ARRAKIS: o criador shai-hulud e as implicações de sua existência

O planeta natal de Paul Atreides, Caladan, é envolto por oceanos e possui clima ameno e úmido, ou seja, sua paisagem não podia ser mais diferente da de Arrakis. A partir contraste entre as paisagens de Caladan e Arrakis (figuras 24 e 25, respectivamente), evidente durante muitas passagens, percebe-se que a experiência das personagens da Grande Casa Atreides está diretamente ligada à abundância de água, já em Arrakis, os Atreides são apresentados com outro modo de vida, o da escassez.

*“– Certa vez, em Caladan, vi quando encontraram o corpo de um pescador afogado. Ele...
– Afogado? – fez a filha do fabricante de trajestiladores.
Paul hesitou, e em seguida:
– Sim. Imerso em água até morrer. Afogado.
– Que maneira interessante de morrer – ela murmurou.”*
(HERBERT, 1965, p. 9)



Figura 24. Paul Atreides em Caladan. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 25. Chegada dos Atreides à Arrakis. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Bem adaptadas ao meio em que existem, as cidades e vilas de Arrakis são estruturadas de modo a preservarem-se da incidência solar enorme e as consequências drásticas de acompanham sua exposição. Assim, a própria arquitetura das cidades é pensada de modo a projetar o maior percentual de sombra sobre a superfície: construções completamente fechadas, salvo frestas de ventilação e iluminação indireta e cisternas e poços d'água no subsolo.



Figura 26. Arrakina, cidade sede da Casa Atreides em Arrakis. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Raffestin, ao falar sobre recursos, explica que “todos os recursos renováveis dependem, direta ou indiretamente, do mecanismo da fotossíntese e, por consequência, do funcionamento do ecossistema.” (1993, p. 228) O que pode ser aplicado ao falar sobre o a especiaria mélangue.

A origem e ciclo de vida do ser responsável pela matéria em forma de pó alaranjado, descrita nas páginas anteriores, é fundamental para as condições ecológicas do planeta em que habitam. Os vermes de areia são a personificação formidável da lógica do lucro exploracionista. Que, “uma vez tomada sua decisão, só têm interesse em produzir o máximo possível, sem nenhuma preocupação com o ritmo de esgotamento.” (p. 234)

Imediatamente, há diferenças entre a cosmo visão dos colonizadores de Arrakis e a cosmovisão fremen, o segundo apresenta relação macro–microcosmos bem definida, isto é, os fremen enxergam o planeta como um organismo vivo, uma das formas do espaço mítico. O “componente espacial de uma visão de mundo, a conceitualização de valores locais por meio da qual as pessoas realizam suas atividades práticas”, descrito por Tuan em *Espaço e Lugar* (2013, p.).

Os vermes da areia, monstros que devoram tudo ao seu alcance, são parte da paisagem de Arrakis, na cosmovisão dos colonizadores, são apenas vermes que fazem parte do ciclo da especiaria, por isso têm importância e devem ser preservados.



Figura 27. Representação do verme da areia no palácio dos Atreides em Arrakina. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

Mas para os fremen, o verme da areia é shai-hulud, o criador, ser divino, juiz de acontecimentos e detém respeito enorme dos fremen. A arma sagrada dos nativos de Arrakis é a dagacris, adaga feita a partir do dente de shai-hulud. Desembainhá-la em certas ocasiões é considerável um sacrilégio, pois a lâmina não pode ser reenbainhada sem antes derramar sangue. Além disso, montam os criadores para se deslocarem em grandes distâncias, como já discutido anteriormente.



Figura 28. Mulher fremen segurando uma dagacris. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

O deserto, no entanto, não é visto como algo perpétuo pelos fremen. Um sonho há muito tempo mantido pelos nativos de Arrakis é o seu reflorestamento, influenciados pela chegada de um planetólogo imperial estrangeiro que se aproximou dos sietchs, construíram, junto a ele, estações ecológicas que tinham como objetivo coletar dados para uma ação gradativa de reconstituir a vegetação arrakina, utilizando espécies nativas e estrangeiras de comportamento similar ao clima árido do planeta.

No entanto, o projeto foi descontinuado pelo Império antes mesmo da narrativa da obra ser iniciada, os fremen continuam a manter as estações clandestinamente durante os eventos da trama.

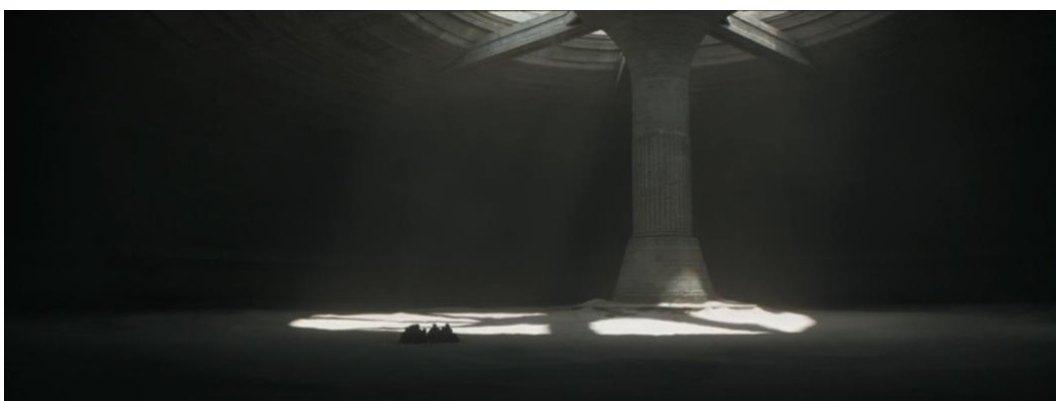


Figura 29. Estação ecológica abandonada pelo Império, mantida pelos fremen. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)



Figura 30. Laboratório da estação ecológica. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

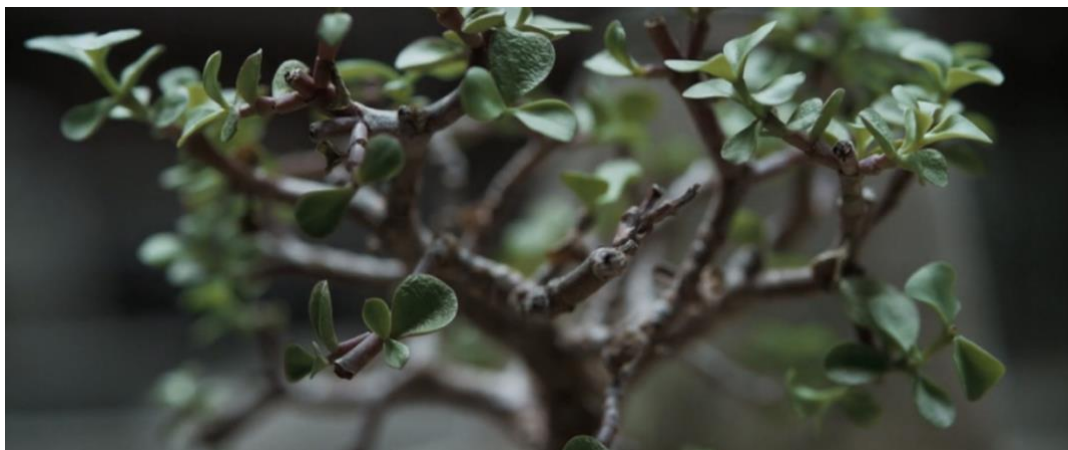


Figura 31. Pequeno espécime vegetal cultivado na estação ecológica. (Fonte: Reprodução / Warner Bros)

A presença do deserto como personagem em *Duna* (1965) é explorada especialmente durante o capítulo que narra o delírio de Liet Kynes, planetólogo de Arrakis e líder dos fremen em geral, após ser abandonado no deserto aberto por agentes do Império.

“O homem se arrastava sobre o topo de uma duna. Era um cisco apanhado no fulgor do sol do meio-dia. Vestia os restos rasgados de um manto jubba, e os farrapos expunham sua pele ao calor. O capuz tinha sido arrancado do manto, mas o homem havia feito um turbante com uma tira de tecido. Mechas de cabelos ruivos saíam do turbante e faziam par com a barba rala e as sobrancelhas grossas. Abaixo dos olhos de azul sobre azul, restos de uma mancha escura espalhavam-se até as maçãs do rosto. Uma depressão emaranhada sobre a barba e o bigode mostrava onde o tubo de um trajestilador havia marcado seu trajeto do nariz às bolsas coletoras.

O homem se deteve, meio corpo sobre o topo da duna, com os braços estendidos descendo pela face de deslizamento. O sangue havia coagulado em suas costas, nos braços e pernas. Manchas de areia cinza-amarelada aderiam aos ferimentos. Lentamente, ele colocou as mãos sob o corpo, tomou impulso para se levantar e ficou ali, cambaleando. E até mesmo naquele ato quase aleatório restava um traço dos movimentos antes tão precisos.” (p.353-354)

Durante tal capítulo, Kynes relembra seu vasto conhecimento ecológico sobre o deserto, suas dinâmicas de funcionamento, tem consciência plena da grande figura que é o recorte de sua situação. Em um diálogo delirante com seu falecido pai, planetólogo de Arrakis anterior a Liet e pensador original do plano de reflorestamento agora dirigido por seu filho, o estrangeiro naturalizado fremen, os seguintes pontos são levantados acerca do possível futuro do planeta.

“–A verdadeira riqueza de um planeta está em sua paisagem, na maneira como participamos dessa fonte fundamental da civilização: a agricultura”
[...]

A função mais elevada da ecologia é a compreensão das consequências

[...]

– Deslocar-se pela paisagem é uma necessidade da vida animal – disse o pai. – Os povos nômades seguem a mesma necessidade. Os padrões de deslocamento se adaptam às necessidades físicas da água, alimento, minerais. Temos de controlar esses padrões agora, alinhá-los a nossos objetivos.

[...]

– Temos que fazer em Arrakis uma coisa que nunca se tentou fazer com um planeta inteiro – disse o pai. – Temos que usar o homem como uma força construtiva, introduzindo formas de vida adaptadas a partir e similares da Terra, um vegetal aqui, um animal ali, um homem acolá, para transformar o ciclo da água, para criar um novo tipo de paisagem.” (p.354-357)

Infelizmente, Liet Kynes não sobreviveu para concretizar o plano inicialmente articulado por seu pai. As condições explorativistas de Arrakis não permitiriam a mudança da paisagem por esta ser uma exigência para a continuidade do lucro sobre a especiaria. Mesmo ciente de todas as dinâmicas e problemáticas relacionais ao ecossistema arrakino, Kynes ainda é uma peça no tabuleiro do jogo de poder. O planeta matou o ecologista.

“Em seguida, enquanto seu planeta o matava, ocorreu a Kynes que seu pai e todos os outros cientistas estavam enganados, que os princípios mais persistentes do universo eram o acidente e o erro.” (p. 360)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se discorrer a análise realizada sob a perspectiva dos conceitos de poder e geopolítica, destacando as dinâmicas e relações interseccionais entre política, economia, religião e ecologia. Foi possível, por meio da abordagem proposta, identificar como o autor construiu um universo fictício que reflete criticamente questões sociopolíticas e ambientais que ressoam com a realidade contemporânea.

A análise aprofundou-se no símbolo das relações de poder e dependência que estruturam o Império Interplanetário representado pelo *mélange*. O controle sobre esse recurso raro reflete uma metáfora para o domínio econômico, político e social, ao mesmo tempo em que expõe as contradições e vulnerabilidades de um sistema que concentra sua sobrevivência em uma única fonte de poder.

A obra de Herbert também destacou a complexidade das organizações de poder. Desde o controle biogenético e religioso das Bene Gesserit até o monopólio econômico da CHOAM e o domínio logístico da Guilda Espacial, a narrativa ilustra como diferentes formas de poder interagem e se sobrepõem. Além disso, a luta dos *fremen* por autonomia, utilizando estratégias que mesclam tradições culturais e religiosas, revela a capacidade de resistência de comunidades marginalizadas em contextos opressivos.

A geopolítica em *Duna* (1965) não se limita a explorar os conflitos pelo controle de territórios ou recursos, mas amplia o debate ao incorporar dimensões ecológicas e culturais. A relação dos *fremen* com Arrakis, fundamentada na cosmovisão que enxerga o planeta como um organismo vivo, contrasta com a visão exploratória das forças externas. Essa oposição ressalta as tensões entre desenvolvimento sustentável e exploração desenfreada, temas centrais para os desafios globais enfrentados no século XXI.

A maneira como a narrativa explora a relação entre território, poder e identidade, é um aspecto central a obra. O território não é apenas um espaço físico em *Duna* (1965) mas um elemento carregado de significados sociais, culturais e políticos. Arrakis, com suas vastas dunas e ecossistema extremo, é tanto um recurso explorado pelo Império quanto um lar sagrado para os *fremen*.

Para o Império e para as Casas Maiores, Arrakis representa uma fonte de riqueza e poder devido ao *mélange*, essencial para sustentar a economia e a hegemonia interplanetária. No entanto, para os *fremen*, o território é um organismo vivo, personificado no *shai-hulud*, o grande verme da areia, e carregado de um simbolismo religioso que define sua cosmovisão.

Essa visão dualista do território ilustra como diferentes atores podem atribuir valores distintos a um mesmo espaço, criando conflitos e dinâmicas de resistência. Essa abordagem dialoga diretamente com conceitos da geografia crítica, que reconhece o território como uma construção social e política, onde o controle, a apropriação e a significação são constantemente disputados. O Império utiliza o território de Arrakis como uma ferramenta para manter o status quo, ignorando as implicações ecológicas e culturais de sua exploração. Por outro lado, os fremen subvertem as relações de poder impostas, usando o próprio território como uma arma contra seus opressores. Isso exemplifica como o território pode ser tanto um instrumento de opressão quanto um elemento de emancipação, dependendo de quem o controla e como ele é apropriado.

Por fim, a jornada de Paul Atreides revela a complexidade do poder político e sua interação com o simbólico. A ascensão de Paul como figura messiânica e líder político não apenas marca uma revolução, mas também alerta para os perigos de regimes totalitários teocráticos e as armadilhas do fanatismo. A narrativa de Herbert, portanto, vai além da ficção científica, atuando como um alerta sobre os limites do poder humano e as consequências da ambição desmedida. O autor chega a citar em palestra realizada na UCLA em 1985, um ano antes de sua morte, que a mensagem principal que pretende passar em sua obra é justamente questionarmos nossos líderes, sendo críticos das funções da comunicação, para o alcance dos “interesses humanos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACKHEUSER, Everardo. *Geopolítica e geografia política*. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 21-38, 1942.
- COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder*. São Paulo; HUCITEC: editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HERBERT, Frank. *Duna*. São Paulo: Aleph, 2017.
- HORTA, Célio Augusto da Cunha. *Geografia Política e Geopolítica: velhas e novas convergências*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- INPE, *Programa Queimadas - Situação Atual*. Disponível em: https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/queimadas/situacao-atual/situacao_atual/. Acesso em: 17 setembro 2024.
- LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- OLIVEIRA, F. R. *Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homem-máquina*. Revista Contracampo, Niterói, n° 09, 177-198, dezembro 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i09.494>. Acesso em: 27 junho 2024.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente Médio como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAUNDERS, Robert A. *Imperial imaginaries: employing science fiction to talk about geopolitics*. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2015/06/11/imperial-imaginaries-employing-science-fiction-to-talk-about-geopolitics/>. Acesso em: 23 maio 2024.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: EDUEL, 1983.
- ELBOW Gary S.; MARTINSON Tom L. *Science fiction for geographers: Selected works*. Journal of Geography, 79:1, 23-27, DOI: 10.1080/00221348008980641, 1980.